

ÁLBUM do PIBID FURG 9



ÁLBUM do PIBID FURG

Organizadores:

Charles dos Santos Guidotti

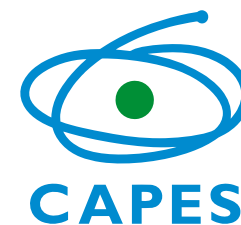
Gabriela Barboza

Cinthya Maria Schneider Meneghetti

Luciana Toaldo Gentilini Avila

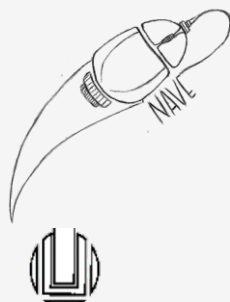
Daniela da Cruz Schneider

Maria da Graça Carvalho



Porto Alegre | Rio Grande
2024

ÁLBUM do PIBID FURG



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
GRANDE FURG

Reitor

DANILO GIROLDO

Vice-Reitor

RENATO DURO DIAS

Chefe de Gabinete do Reitor

JACIRA CRISTIANE PRADO DA SILVA

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

DIEGO D'ÁVILA DA ROSA

Pró-Reitor de Infraestrutura

RAFAEL GONZALES ROCHA

Pró-Reitora de Graduação

SIBELE DA ROCHA MARTINS

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis

DAIANE TEIXEIRA GAUTÉRIO

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas

CAMILA ESTIMA DE OLIVEIRA SOUTO

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

EDUARDO RESENDE SECCHI

Pró-Reitora de Inovação e Tecnologia da Informação

DANÚBIA BUENO ESPÍNDOLA

Copyright ©2024 dos organizadores

Direitos desta edição reservados aos organizadores, cedidos somente para a presente edição à Editora Casalettras.

Expediente:

Capa, diagramação e ilustrações:

Bruno Daniel Carneiro

Editor:

Marcelo França de Oliveira

Conselho Editorial Casalettras

Dr. Airtton Pollini

Université Haute-Alsace, Mulhouse, França

Dr. Amurabi Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC

Dr. Aristeu Lopes

Universidade Federal de Pelotas/UFPe

Dr. Elio Flores

Universidade Federal da Paraíba/UEPB

Dr. Francisco das Neves Alves

Universidade Federal do Rio Grande/FURG

Dr. Fábio Augusto Steyer

Universidade Estadual de Ponta Grossa/UEPG

Dr. Giorgio Ferri

Università degli Studi "La Sapienza", Roma, Itália

Dr^a Isabel Lousada

Universidade Nova de Lisboa

Dr. Jonas Moreira Vargas

Universidade Federal de Pelotas/UFPe

Dr. Luiz Henrique Torres

Universidade Federal do Rio Grande/FURG

Dr. Manuel Albaladejo Vivero

Universitat de València, Espanha

Dr. Marcelo França de Oliveira (Presidente)

Biblioteca Rio-Grandense

Dr^a Maria Eunice Moreira

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS

Dr. Moacyr Flores

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul/IHGRGS

Dr^a Yarong Chen

Beijing Foreign Studies University, China



LICENCIADA POR UMA LICENÇA CREATIVE COMMONS

Atribuição - Não Comercial - Sem Derivadas 4.0 Internacional
(CC BY-NC-ND 4.0)

Você é livre para:

Compartilhar - copie e redistribua o material em qualquer meio ou formato. O licenciante não pode revogar essas liberdades desde que você siga os termos da licença.

Atribuição - Você deve dar o crédito apropriado, fornecer um link para a licença e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer maneira razoável, mas não de maneira que sugira que o licenciante endossa você ou seu uso.

Não Comercial - Você não pode usar o material para fins comerciais. **Não-derivadas** - Se você remixar, transformar ou desenvolver o material, não poderá distribuir o material modificado.

Sem restrições adicionais - Você não pode aplicar termos legais ou medidas tecnológicas que restrinjam legalmente outras pessoas a fazer o que a licença permitir.

Este é um resumo da licença atribuída. Os termos da licença jurídica integral está disponível em:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/legalcode>

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A1156 Álbum do PIBID FURG - vol. 9 / Charles dos Santos Guidotti; Gabriela Barboza; Cinthya Maria Schneider Meneghetti; Luciana Toaldo Gentilini Avila; Daniela da Cruz Schneider e Maria da Graça Carvalho (Org.). [Recurso eletrônico] Porto Alegre: Casalettras, Rio Grande: FURG, 2024. 84p.

Bibliografia
ISBN: 978-65-5220-015-0

1. Educação - 2. PIBID - 3. Formação de professores - 4. Prática docente - 5. Registros e relatos docentes - I. Guidotti, Charles dos Santos *et al.* - II. Título.

CDU: 370(371)

CDD:370


casalettras

EDITORIA CASALETTRAS

R. Gen. Lima e Silva, 881/304 - Cidade Baixa
Porto Alegre - RS - Brasil CEP 90050-103
+55 51 3013-1407 - contato@casalettras.com
www.casalettras.com

ÍNDICE

5	Apresentação	45	Será que virou pó?
9	Lendas Urbanas: A Maldição de Admar Corrêa	48	A nossa história
13	Entrevista Comigo mesma	51	O Menino que catava livros: Da favela para a Docência
17	Aprendendo Sobre Chuva Ácida	54	Sonho de uma futura professora
20	Gincana Julina	57	O menino que queria aprender a escrever
23	O jogo da vida	60	O Brilho na Noite de Descobertas
26	Voando com o PIBID	64	Você está no lugar certo?
29	2 ⁵ -1	67	Carta de um supervisor para seus pibidianos
32	O encontro com a docência através da experiência no PIBID	70	A importância do olhar atento em sala de aula
35	Entre dúvidas e medos, surge uma nova versão	73	Prumo
38	Alguém viu o professor de física?	76	Como é bom ser professor!
40	Ansiedade de um professor	79	Tudo começa com um bom café!
		83	Criação do Álbum

APRESENTAÇÃO

Caros leitores.

Chegamos à nona edição do álbum do PIBID da FURG. Este álbum é composto por histórias de estudantes de iniciação à docência que participaram da décima primeira edição do programa na FURG, intitulado “PIBID-FURG: experiências educativas em rodas de formação acadêmico-profissional”, desenvolvido no período de novembro de 2022 a março de 2024.

Dentre as ações que fundamentam o projeto institucional do PIBID-FURG estão as rodas de formação de professores com a escrita narrativa da própria experiência. Assumimos a narrativa como dispositivo formativo ao documentar o vivido e experienciado na Escola e na Universidade através dos diários coletivos, das escritas narrativas de experiências pedagógicas registradas no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e na produção de histórias de sala de aula.

[...]

*Somos quem podemos ser
Sonhos que podemos ter*

Charles dos Santos Guidotti

Coordenador Institucional do PIBID - FURG 2022 - 2024

Aline Machado Dorneles

Coordenadora institucional do PIBID - FURG 2020 - 2022



As rodas de formação oportunizam a concretização desta nona edição do álbum do PIBID-FURG, porém compreendemos que somente a realização das ações não permite um trabalho formativo em roda, as rodas de formação oportunizam a concretização desta nona edição do álbum do PIBID-FURG, porém compreendemos que somente a realização das ações não permite um trabalho formativo em roda, as rodas se constituem quando “somos quem podemos ser”, quando somos.

Ao se publicizar as histórias de sala de aula vivemos “sonhos que podemos ter”, ao nos reconhecermos como autores de nossa própria prática educativa, nos abrimos para narrar quem somos, nossos sonhos, desejos, anseios e dilemas. Uma vez publicizado, as histórias circulam e são lidas e interpretadas em outras rodas, coletivos de professores. Dorneles e Suárez (2023) nos convidam a pensar as histórias de sala de aula como obras pedagógicas com possibilidades de serem apreciadas, lidas, conversadas e resignificadas em diferentes contextos formativos.

Desse modo, a escrita de histórias é compreendida de um modo mais amplo pelo coletivo de professores em formação inicial e continuada, sendo um artefato para pensar e falar da docência em diferentes instituições, modalidades e níveis de ensino.

Aprendemos a ser professor ao narrar nossos acontecimentos e experiências, resultando em um processo reflexivo sobre nossa própria formação, e esta promove a função epistêmica da escrita na formação docente. Nesses processos de narrar e contar histórias de experiências formativas as representações do conhecimento são construídas, modificadas e reconstruídas.

[...]

Um dia me disseram

Quem eram os donos da situação

Sem querer eles me deram

As chaves que abrem essa prisão

E tudo ficou tão claro

O que era raro ficou comum

Como um dia depois do outro

Como um dia, um dia comum

[...]

Como na lindeza de viver, imaginar e ser, entendemos que as experiências não podem ser classificáveis e identificáveis dentro dos padrões hegemônicos, as histórias socializadas nas páginas seguintes assumem diversos formatos. São narrativas em forma de poemas, relatos e contos. Independente do formato, elas discorrem acerca de eventos e experiências experimentadas pelos licenciandos e pelas licenciandas. São histórias de autoria individual ou coletiva, mas todas são resultantes de um intenso movimento dialógico.

Pablo Neruda fala que “Escrever é fácil. Você começa com maiúsculo e termina com um ponto final. No meio coloca ideias.” Parafraseando o poeta chileno, produzir o álbum do PIBID da FURG é fácil. Você começa com maiúsculo e termina com um ponto final. No entanto, no meio há debate, invenção, criação, recriação, negociação de significados, seleção da história que irá representar o subprojeto no álbum, bem como interação com ilustradores e revisores. Cada um que participa desse potente processo formativo sabe como foi longo o percurso de chegar a ler sua história no Álbum. Devido às limitações de espaço e recursos, nem todas as histórias produzidas podem ser incluídas neste álbum, evidenciando a potencialidade para a criação de muitos outros álbuns dessa edição do PIBID da FURG.

Em linha com as palavras de Rubem Alves, convidamos os licenciandos e as licenciandas a compartilharem aquilo que mais os move em direção à docência, aquilo que desejam falar. Entendemos que esse processo de escrita de histórias de sala de aula representa oportunidades para a formação docente e para o desenvolvimento das instituições em que o programa está inserido, incluindo a própria universidade. Pensando nisso, o convite para a escrita das histórias foi cuidadosamente elaborado para promover a reflexão e a colaboração entre os participantes de cada um dos oito subprojetos que constituíram o PIBID da FURG no edital 23/2022 da CAPES.

Aprendemos a ser professor num processo de idas e vindas em rodas de formação. Concordando com Cecília Warschauer, não são os dispositivos que formam, mesmo que tragam um caráter formador, mas são os sujeitos que deles se apropriam.

Para enriquecer ainda mais a experiência formativa e de leitura, cada história é acompanhada por uma sugestão musical, permitindo que você mergulhe na atmosfera da narrativa. Além disso, uma imagem especialmente selecionada ou produzida pelo autor ilustra visualmente cada história, aprimorando sua compreensão e envolvimento. Imagens e letras musicais dizem muito, são carregadas de significados e de afetividade.

A imagem que escolhemos para ilustrar essa apresentação é a do Encontro Institucional do PIBID e RP realizado em dezembro de 2023. Nela encontramos professores de todas as áreas do conhecimento, da Educação Básica ao nível Superior. Encontramos licenciandos e licenciandas dos primeiros aos últimos períodos da graduação. Encontramos um coletivo que aprende a ser professores em comunidade, desenvolvida na linguagem, falando, escrevendo, lendo, discutindo, questionando, pesquisando experiências formativas desde a sala de aula.

E um dos resultados desse processo é este álbum, repleto de narrativas que repercutem o percurso vivido, refletindo também sobre reflexões e transformações individuais e coletivas desses professores em formação.

Aproveite a leitura e permita-se mergulhar nas múltiplas experiências comunicadas através das palavras, sons e imagens.





LENDAS URBANAS:

A MALDIÇÃO DE ADMAR CORRÊA



Autores:

**Lucas de Souza Pontes,
Luiza Tolfo Karsburg,
Thayná Crizel da Cruz.**

Ilustradoras:

**Isadora Seabra e
Rafaela Alves de Oliveira Monteiro**

Estudantes do Curso de Artes Visuais
Licenciatura. Bolsistas
de Iniciação à Docência do Subprojeto
interdisciplinar Artes Visuais - Educação
Física.

Era dia de **Lua Sangrenta** na escola Admar Corrêa, todos procuravam aflitos por Roberta Cuia, que na realidade estava escondida no armário na sala de artes enquanto comia o lanche das outras crianças. De repente, a professora Wanessinha desesperada abre a porta do armário que a Roberta Cuia estava, e diz:

– F**** Hoje é dia de Lua Sangrenta! É perigoso demais estar aqui hoje!

– FUBICA! Não me importo! – disse Roberta Cuia.

– Como assim tu não se importa? Tu não conhece a lenda do Lobisomem Sangrento? – perguntou Wanessinha.

Após isso, a Wanessinha entra no armário e começa a contar a lenda:

– Após a fundação da escola Admar Corrêa, todas as noites de lua cheia passaram a ser diferentes, a lua brilhava em tom vermelho, o bairro começou a chamar esse acontecimento de Lua Sangrenta, e em todas essas noites, alguém desaparecia. Até que o culpado foi descoberto, era o Lobisomem Sangrento com quase 3 metros de altura e coberto por um pêlo escuro e olhos vermelhos iguais a lua, nada era capaz de acabar com a fome que ele tinha. Mas os moradores do bairro conseguiram através de magia prender o Lobisomem Sangrento e trancar ele nas catacumbas em baixo da escola. Porém, em toda noite de Lua Sangrenta, ele sai para atacar até que a maldição se quebre.

Quando a Wanessinha termina de contar a lenda do Lobisomem Sangrento, ela e a Roberta Cuia começam a escutar um carro com caixa de som tocando Hino Evangê, anunciando a chegada do Lobisomem.

Ao ouvir o som se aproximando cada vez mais da escola, Roberta Cuia pergunta:

– Como podemos quebrar a maldição?

– É necessário substituir a foto esverdeada do Admar Corrêa por uma foto da Cândida Arrieche. Parece uma tarefa simples, porém não existem mais registros fotográficos dela. – respondeu a professora.

– **EU TENHO UMA FOTO!!** – exclamou Roberta Cuia.

– Como? Como tu tens uma foto Roberta????????? – perguntou incrédula Wanessinha.

– Eu sou a 8ª geração de Arrieche's da família. Meu nome é Roberta Cuia Crizel, porém sou descendente da família Arrieche por parte de minha tataravó materna, que foi passando de geração em geração isso (a foto de Cândida). – Explica orgulhosamente Roberta Cuia.





Então, tirando da capinha do celular, Roberta Cuia, mostra uma foto desgastada pelo tempo - também esverdeada - para Wanessinha e diz:

-PODEMOS QUEBRAR A MALDIÇÃO!!!

Essa foto me foi dada por minha mãe no meu aniversário de 10 anos, junto com a missão de protegê-la até o momento certo. E esse é o momento certo, professora Wanessinha! Vamos salvar o bairro Santa Tereza!!

Então, com a foto em mãos, ambas saem do armário com muita determinação e correm para a entrada da escola para trocar as fotos. Enquanto isso, o Lobisomem Sangrento já estava à solta correndo atrás delas pela escada. Wanessinha fica para trás tentando ganhar tempo com o Lobisomem Sangrento para que desse tempo da Roberta Cuia trocar a foto do Admar Corrêa pela Cândida Arrieche e assim quebrar a maldição.

Roberta Cuia aproveita essa pequena brecha de tempo para descer as escadas em um pulo e substituir a foto pela da Cândida Arrieche. No momento em que a foto foi substituída, o Lobisomem Sangrento se preparava para aplicar um golpe fatal em Wanessinha, mas ele se desfez como pó em sua frente. Após isso, o bairro ficou a salvo do Lobisomem Sangrento para sempre! Por fim, a escola foi renomeada para Escola Municipal de Ensino Fundamental Cândida Arrieche.

Esse conto foi criado partindo de histórias, momentos, conversas e brincadeiras vivenciados pelos PIBIDIANOS de Artes Visuais e pelas crianças da escola. Envolvendo também, a história do passado da escola e os seus fundadores.

ENTREVISTA COMIGO MESMA



Gabriela Oliveira Britto da Conceição

Estudante do Curso de Artes Visuais Licenciatura.
Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto
interdisciplinar História - Geografia.

Não me imagino criando sentido para a graduação em licenciatura sem a formação prática e experiência que o PIBID proporciona. Descobri no chão da sala de aula que o almejo de trabalhar com uma educação descolonizadora é possível na prática, um “inérito viável”, como disse Paulo Freire.

Em uma aula, passamos a música “**14 de maio**”, do **Lazzo Matumbi**, para evidenciar a falta de assistência e políticas de reparação no período pós-abolição. Colocamos o vídeo do cantor interpretando a música no Congresso, na entrega da comenda Abdias Nascimento. O som estava alto, e a voz forte de Lazzo Matumbi, cantada à capela e ecoando pela sala, proporcionou uma atmosfera igualmente forte.

A música acabou.

Então, ouvimos um murmúrio dos alunos: “**A Carol está chorando! A Carol está chorando!**”. Vimos, então, que a aluna Carol chorava, emocionada com a música. Dei um abraço nela, e ela saiu para tomar água.

A aula seguiu.

Com Nêgo Bispo discutimos as ações de resistência que sempre existiram pois, como diz o Mestre quilombola, **“saiu o primeiro navio negreiro [da África], eis o primeiro quilombo”**; Djamilá Ribeiro evidenciou-nos a ínfima distância de três gerações que possui com a escravização, e a política de branqueamento da população posta em voga no país e, com Emicida, debatemos sobre as heranças carregadas hoje no racismo assassino vivenciado, no Brasil.

E, se Luiz Rufino diz que a educação **“precisa ser versada no encanto”**, quem se encantou fomos nós com a criticidade de uma turma de 7º ano, nas discussões surgidas. Os alunos praticantes de religiões de matriz africana compartilharam suas experiências na religião, enquanto outros relataram episódios de racismo. No fim da aula, sobrou um tempinho, e logo eles pediram: coloca **“Canção Infantil!”**, coloca **“Baco Exu do Blues!”**, e a aula terminou com a gente ouvindo e trocando ideias sobre vários raps.

Na aula seguinte, a professora levou o livro **“Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis”**. Fizemos uma aula diferente, lendo cordéis do livro, e a professora explicou o trabalho do trimestre: os alunos fariam uma pesquisa ou entrevista com uma pessoa negra importante para eles e escreveriam um cordel sobre ela. Logo, começaram as exclamações **“Vou fazer sobre a minha mãe!”**, **“Vou fazer sobre meu amigo!”**.

Chegou o dia deles escreverem os cordéis.

Entre cordéis do Mano Brown, Carolina Maria de Jesus e Machado de Assis, passamos pelas mesas, ajudando nas rimas. Chego, então, na Carol, que pedia ajuda para continuar seu cordel. Perguntei **“sobre quem fizesse a entrevista?”**, e ela me mostra a página do seu caderno, que tinha um título grande que dizia

“Entrevista Comigo Mesma”

. A pessoa negra importante para a Carol, que ela escolheu, foi ela mesma!

E, simplesmente assim, todas as teorias e os autores decoloniais encontraram-se na prática, naquele ato. Fanon denunciou o **“auto-ódio”** que a sociedade infere nas pessoas negras, Lélia Gonzalez evidenciou o peso das interseccionalidades e Luiz Rufino alertou que a descolonização **“é, sobretudo, uma questão de cura”**. E, a Carol entendeu tudo isso, sem precisar se prender à necessidade de conceitualização, criticada por Nêgo Bispo. Ela venceu a demanda da colonização.

Sempre tive, durante a minha caminhada pela educação básica, professores que me formaram, a quem eu devo quem eu sou hoje. Mas, vou aprendendo a reconhecer, também, os alunos que vão me constituindo, com quem aprendo muito mais que ensino; com quem entro em contato com a minha subjetividade e crio sentido para os mais simples e surpreendentes atos – sei lá, talvez eu esteja lendo muito Rufino. Porém, sei que a Carol é uma dessas alunas. Foi ela quem plantou em mim o **“Esperançar”**, de Paulo Freire, não o inverso.

Então, para ela e para todos os meus alun@s, dedico esse verso do Emicida:

**Aí, maloqueiro, aí, maloqueira
Levanta essa cabeça
Enxuga essas lágrimas, certo? (Você memo)
Respira fundo e volta pro ringue (vai)
Cê vai sair dessa prisão
Cê vai atrás desse diploma
Com a fúria da beleza do Sol, entendeu?
Faz isso por nós
Faz essa por nós (vai)
Te vejo no pódio**

APRENDENDO SOBRE CHUVA ÁCIDA





Sandy Rodrigues

Estudante do Curso de Química Licenciatura. Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto interdisciplinar Química - Biologia.

Foi uma fria manhã de Outono quando eu entrei na sala de aula repleta de expectativas. Eu estava empolgada para compartilhar com os alunos do ensino médio o intrigante mundo da química ambiental e, mais especificamente, o fenômeno da chuva ácida.

A turma estava ansiosa, pois já havia ouvido falar sobre a aula especial que planejei para eles. Comecei a aula fazendo uma pergunta aos alunos: "Vocês já ouviram falar de chuva ácida?". A maioria dos alunos respondeu que sim, mas que não sabiam muito sobre o assunto. Então, expliquei que a chuva ácida é formada pela mistura de água da chuva com gases poluentes, como dióxido de enxofre e óxido de nitrogênio. Disse que esses gases são liberados na atmosfera pela queima de combustíveis fósseis, como carvão mineral e gasolina. Tudo isso resulta em um problema ambiental que tem causado danos significativos à natureza e à saúde humana, principalmente aqui no Sul.

Eles estavam curiosos e engajados, fazendo perguntas e demonstrando interesse genuíno no tema. Para tornar a aprendizagem mais prática e envolvente, realizei um experimento de simulação de chuva ácida. Dividi a turma em grupos e distribuí tubos de ensaio, água destilada, enxofre, um vidro, diferentes indicadores de pH e uma flor. Expliquei que o enxofre representava os poluentes responsáveis pela formação da chuva ácida quando lançados na atmosfera.

Foi incrível observar como os alunos estavam entusiasmados com o experimento, fazendo previsões e discutindo os resultados. Eles ficaram maravilhados com o experimento, pois puderam ver na prática como a chuva ácida ocorre e os danos que ela pode causar. Conversamos bastante sobre pH dos alimentos, do corpo humano, do solo, da água e a importância do pH para a vida humana. E, ainda, sobre coisas práticas do dia a dia que envolvem o pH, por exemplo, a acidez do molho de tomate e como resolver.

Tentei levar para eles coisas práticas e que estão presentes em nosso cotidiano para que desta forma eles não esquecessem aquele momento de partilha. Meu objetivo maior nesta aula foi mostrar que a Química é relevante e que ela envolve muitos aspectos na nossa vida e que nossos alunos são pequenos cientistas que podem ir muito além da sala de aula.



GINCANA JUNINA



**Gabrielly Duarte**

Estudante do Curso de Letras Português e Espanhol Licenciatura. Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto interdisciplinar Letras Espanhol e Inglês.

Eu me chamo Gabrielly Duarte, estou no curso de Letras e este é meu relato de memória de PIBID. O momento mais desafiador para mim no PIBID foi a realização da gincana Julina na Escola Mascarenhas de Moraes. Montar a gincana foi a parte mais fácil. Mesmo que fosse nossa primeira atividade, criá-la em grupo tornou tudo mais tranquilo, afinal, várias mentes pensam melhor do que uma. Nossa atividade consistiu em uma gincana para constataremos alguns saberes dos alunos. Para isso, a coordenadora sugeriu que fizéssemos uma rotatividade de estações julinas. Para realizar a atividade precisamos nos dividir conforme a disponibilidade dos alunos atuantes em cada escola.

A minha participação foi na estação Defenda se Puder, onde criamos um “tribunal” com leis fictícias em que um grupo de alunos deveria defender determinada lei e o outro deveria argumentar contra.

Quando menos esperei, eu estava vestida de juiz com uma roupa de TNT, esperando adolescentes que acordaram, em média, às 6h30min da manhã daquele dia para irem à escola e terem suas rotineiras aulas. Naquele dia eu aplicaria a atividade no lugar da aula da professora regente. Naquela roupa de TNT, estava eu aprendendo sobre o nervosismo, a imprevisibilidade, a possibilidade de rejeição por parte dos alunos, a juventude que se renova em todos os adolescentes. Eu, ali, com certeza muito mais aprendiz que qualquer um deles.

Apesar da minha vestimenta nada séria, e de tudo ser desenrolado numa brincadeira, foi incrível ver o engajamento dos alunos em defender e acusar as leis. Sua criatividade, competitividade, entrega, esforço de raciocínio e de, através de uma atividade engraçada, defender o seu ponto de vista e se pôr no mundo. Mesmo que o mundo em questão fosse o auditório da escola com três universitárias dando o sangue para realizar uma atividade planejada e almejada durante semanas.

Eu acredito fielmente que a sala de aula é onde o mundo acontece. Onde para muitos ele nasce, para outros ele renasce, e para vários ele nem chega a existir, pois nem todos chegam a este espaço. Dentro da escola, há tantos questionamentos, tantas vontades e tanta vivacidade que não cabem nas paredes, mas cabem nos sonhos de cada um de nós que visa adentrar ela para fazer esse mundo continuar acontecendo.

Sou grata ao PIBID por todas as experiências que me proporcionou, as expectativas que superou e todas as certezas reacendidas. Agradeço até pela toga de TNT.



O JOGO DA VIDA





Bárbara Lopresti Chim Carpanez

Estudante do Curso de Pedagogia Licenciatura. Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia.

Certa vez, há um longo tempo atrás, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Pedro II, havia uma turma de 2º ano. Duas alunas de Pedagogia, Bárbara e Hérika que faziam parte de um projeto universitário chamado PIBID, iam à escola semanalmente para fazer atividades com a turma. Um dia, elas levaram um jogo de tabuleiro com desafios para as crianças.

Após algumas rodadas, a diversão foi interrompida pelo recreio, quando todos saíram da sala uma súbita tempestade se formou e em poucos segundos um raio caiu na sala em que acontecia o jogo, mas logo o tempo voltou ao normal. As professoras verificaram que tudo estava bem e o jogo continuou. No entanto, um arremesso do dardo abriu um portal, transportando todos para dentro do tabuleiro.

Dentro do tabuleiro, eles se depararam com o

DADO MONSTRO



que desafiou os alunos, porém, as professoras e as crianças estavam determinadas a vencer. O Dado Monstro mandava no tabuleiro e manipulava ele, mudando as regras e causando dificuldades para a turma. Na sua primeira rodada a turma enfrentou um desafio que envolvia fazer caretas por cinco minutos. Incapazes de completar o desafio por medo e nervosismo, eles perderam suas professoras, que foram presas no final do tabuleiro.

No desespero por estar sem suas professoras, Vinícius teve uma ideia brilhante: criar um dado improvisado com uma borracha e um lápis. Eles conseguiram os materiais necessários e continuaram o jogo. Ao usarem o dado improvisado, eles ganharam vantagem, conseguindo andar várias casas rapidamente pelo tabuleiro.

Quando faltavam apenas sete casas para a vitória, o Dado Monstro tentou um último desafio, que envolvia separar as sílabas da palavra

PARALELEPÍPEDO

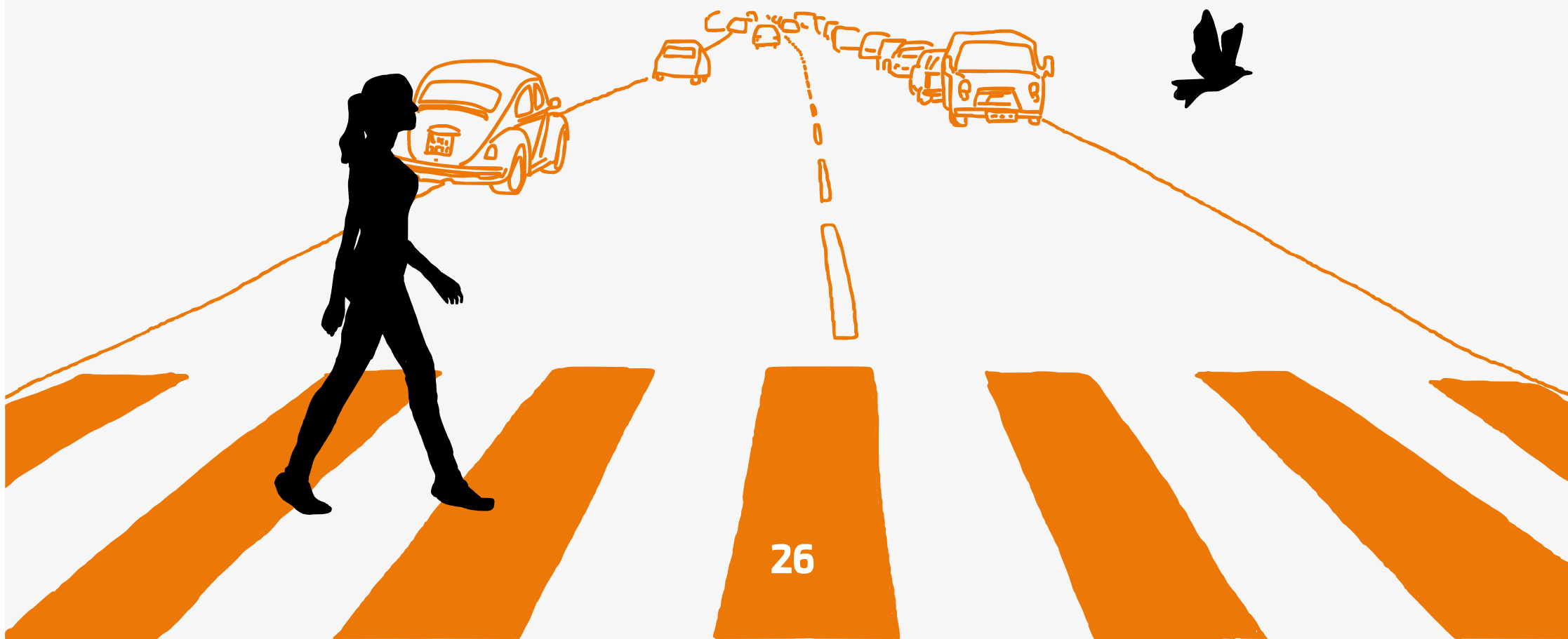
Mesmo assustados pelo tamanho da palavra, o esforço e o trabalho em equipe foram maiores e os alunos superaram o desafio.

Finalmente, o Dado Monstro admitiu a derrota, revelando que apenas queria alguém para brincar com ele. As crianças prometeram guardar o tabuleiro mágico e visitar o Monstro novamente, assim todos voltaram ao mundo real. Surpreendentemente, apenas um minuto havia passado e ninguém havia visto nada.

A história se tornou uma lenda, que até hoje é compartilhada pela professora Bárbara, lembrando a importância da criatividade e da união para resolução de problemas. Mesmo após 70 anos, ela ainda recorda vividamente essa incrível aventura.



VOANDO COM O PIBID





Isadora da Silva Silveira

Estudante do Curso de Letras Português e Inglês Licenciatura. Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto interdisciplinar Letras Espanhol e Inglês.

Dentre as histórias sobre a origem da música Blackbird, a versão contada por Paul McCartney é a minha favorita: ele a compôs inspirado no movimento pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, especialmente contra a repressão sofrida pelas mulheres. "Bird" é uma gíria britânica comumente usada nos anos sessenta para descrever garotas; assim, Blackbird faz referência a uma jovem negra.

Sendo eu própria uma garota negra participando de um subprojeto de ensino crítico de Inglês orientado pela Educação em Direitos Humanos na educação básica, essa música me traz uma sensação de conforto e me mobiliza a seguir em frente: vejo a mim e a meus alunos como “blackbirds” que precisam, como diz a letra, **aprender a voar mesmo com as asas quebradas**, superar os obstáculos diários da escola pública.

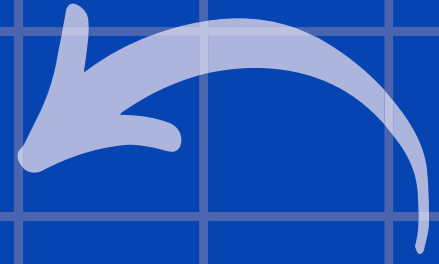
No subprojeto, venho planejando intervenções pedagógicas com mais duas colegas em uma turma do último ano do ensino médio. No início, nossos alunos interagiam conosco timidamente, mas, aos poucos, foram florescendo, tanto para nós quanto para si mesmos. Criamos um laço incrível com eles, fruto das aprendizagens nas reuniões com o grupo, em que compartilhamos nossas experiências em uma roda de formação para e na docência.

A oportunidade de participar de um projeto como o PIBID sublinha a importância da parceria entre universidade e escola para a formação de professores de Inglês socialmente responsáveis e mais conectados às necessidades dos alunos.

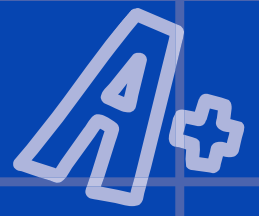
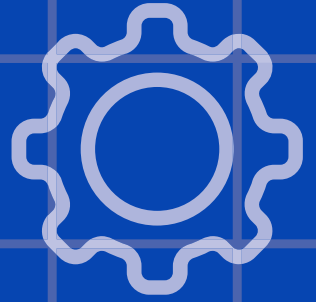
Infelizmente, não são todos que têm a chance de fazer parte do Programa, por isso, essa oportunidade é imperdível. O PIBID, para mim, representa a grande confirmação de que quero trilhar os caminhos da docência.

Nessa longa jornada, recém iniciada, espero encontrar alunos tão maravilhosos e acolhedores quanto os “blackbirds” da 301, meus primeiros alunos e aqueles que me deram a certeza de que quero continuar voando.

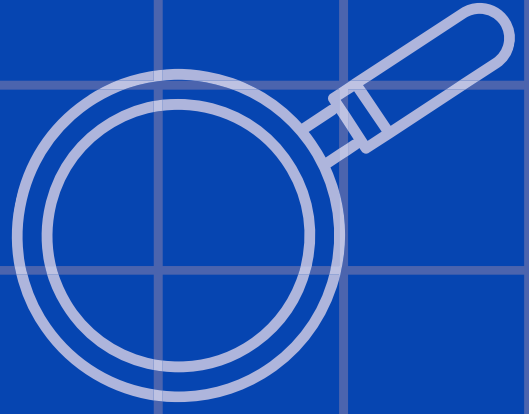
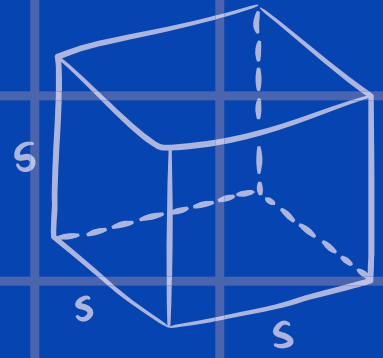
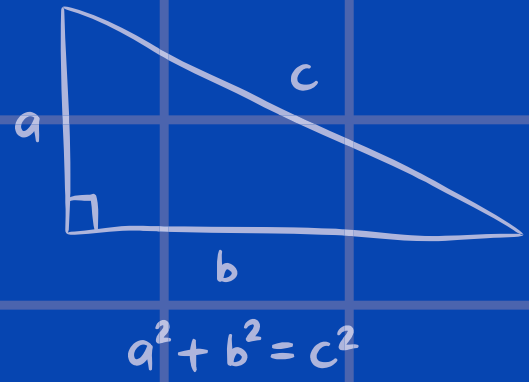




$$x = \frac{-b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a}$$



2⁵-1





$$V = \frac{4}{3} \pi r^3$$



Rai dos Reis Freiburger

Estudante do Curso de Ciências Exatas Licenciatura.
Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto
interdisciplinar Ciências Exatas, Física e Matemática.

Faço um planejamento
Às vezes tudo acontece como esperado
Mas, existem surpresas que parecem vir com o vento
E alteram o objetivo almejado.

Mas as surpresas são muito ricas,
Se bem aproveitadas,
Não as tratamos como malditas!
Devemos saber usá-las.

Numa aula fui questionado,
Queriam saber a minha idade
Não digo nem em julgado,
Mas se querem matar a curiosidade,
Resolvam um enigma dado.

Minha idade é dois elevado na quinta potência menos
um,
Para resolver, não é complicado.

Em meio ao silêncio, ouvi um zunzum,
É vinte e oito! É trinta e quatro!
Não! É vinte um!
Fim da aula, vamos embora.

Espera aí professor, é trinta e um!
Bem na hora,
Já não era sem tempo!
Feliz, fiquei agora,
Essa resposta não veio com o vento!



O ENCONTRO COM A DOCÊNCIA ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA NO PIBID





Lilian Barros

Patrícia Dapper

Estudantes do Curso de Geografia Licenciatura. Bolsistas de Iniciação à Docência do Subprojeto interdisciplinar Interdisciplinar História - Geografia.

A experiência de participar do PIBID tem sido de grande valia, seja pelas reuniões em que trocamos experiências e estudamos documentos e livros da educação ou pelos dias na escola, onde nesse processo percebemos um movimento nosso de se colocar no lugar dos alunos e pensar o que para eles pode ser instigante, o que poderá tornar o aprendizado mais atrativo, o que podemos nós como professoras em formação propor, contribuir nesse processo de construção do conhecimento dos alunos.

No ano de 2023, vínhamos desenvolvendo juntamente com a professora regente Maíra, um trabalho com a turma 82 do Instituto Juvenal Miller, onde aconteceu esse nosso primeiro contato com a sala de aula através do PIBID, nessa turma tivemos experiências muito relevantes para a nossa formação docente, como a proposta de se trabalhar de forma coletiva na elaboração de um mapa das Américas, em tamanho ampliado, no qual os alunos aderiram bem ao que foi proposto. Também tivemos a elaboração e desenvolvimento de uma saída de campo para trabalhar a ocupação das Américas a partir do litoral, com Rio Grande como exemplo, saída esta que foi muito aproveitada por nós e pelos alunos.

Participar do PIBID além de nos fazer ter contato com o contexto escolar desde nossa graduação, contextos esses muitas vezes feitos de imprevistos como o que nos aconteceu em agosto de 2023,

quando a escola ao fazer a reorganização em seu quadro docente acabou por realocar a professora Maíra para as turmas de ensino médio. E um novo desafio se apresenta, por termos que fazer essa troca de turma inesperadamente, e o desafio também de ter que conhecer e tentar se aproximar dessa nova turma, a turma 106

O PIBID além de proporcionar oportunidades de aprendizado, também abastece o nosso repertório com situações adversas, mas que se apresentam e isso é uma ajuda para no futuro saber como lidar com as situações inusitadas que ocorrem no contexto escolar, seja com troca de professores ou de turmas ou diante de eventos climáticos como os que ocorreram no mês de setembro de 2023, no estado do Rio Grande do Sul, foi proposto aos alunos a elaboração de um mapa conceitual a partir dos vídeos apresentados sobre esse tema e após foi elaborado um mural contendo os trabalhos anteriores elaborados com a mesma metodologia.

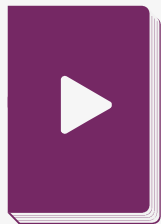
Todas essas mudanças serviram para conhecermos como funciona o contexto escolar e só foi possível vivenciar tudo isso por estarmos participando do PIBID. Esse aprendizado irá agregar conhecimentos à nossa formação, por esse motivo agradecemos ao Capes e ao PIBID por manter esse programa, para que futuros graduandos possam experienciar esta oportunidade.



Fotos: Patricia Dapper

ENTRE DÚVIDAS E MEDOS

SURGE UMA NOVA VERSÃO



Júlia Gabriela Schneid

Estudante do Curso de Letras Português e Literatura de Língua Portuguesa Licenciatura. Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto interdisciplinar Letras Português, Ciências EAD e Educação do Campo.

O que é ser professor?

Ao perguntarmos isso para alguém que não possui contato com a educação, ela dará uma resposta. Ao perguntarmos para um professor, será outra. Para um aluno, mais uma resposta. Afinal, qual é a resposta?

Se eu for responder essa pergunta, digo que ser professor é desafiador, esgotante e enlouquecedor, mas mesmo assim é a melhor coisa que podemos fazer. Agora não pense que essa foi sempre a minha opinião.

Meu primeiro contato com o ensino foi como aluna, posso dizer que admiração e respeito sempre foi como olhei meus professores, mas também pensava como eles poderiam ter escolhido isso. Em meio a tanto desrespeito, tanta desvalorização eu só me perguntava, como? O que leva? Graças ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) posso dizer, com toda certeza, que hoje entendo. Estar em sala de aula é transmitir conhecimento, mas também receber. É ser chamada de “sora” e aquilo te fazer esquecer a preocupação e nervosismo de preparar a aula. É ver os alunos participarem da aula que tu preparou com dedicação e entusiasmo. Claro, temos momentos em que os alunos não participam, se dispersam, não gostam, mas até nesses momentos, é bom, pois nos motivamos a melhorar.

Ao ingressar no curso eu tinha dúvidas e com certeza, medo. Como eu poderia ser capaz de estar ali, ensinando e mediando. O PIBID permitiu não só estar em sala de aula, mas aprender com professores e outros bolsistas. Permitiu que dividíssemos nossas histórias, nossas ideias e expectativas. Permitiu uma nova visão sobre ser professor, e porque escolhemos ser. O PIBID permitiu que nos tornasse uma nova versão, não a melhor que seremos, mas a melhor que podemos ser naquele momento.





ALGUÉM VIU
O PROFESSOR DE

FÍSICA



Lucas Almeida

Estudante do Curso de Física Licenciatura. Bolsista de Iniciação à Docência do subprojeto interdisciplinar Ciências Exatas, Física e Matemática.

Em meu primeiro dia como pibidiano, cheguei à escola pensando como seria a aula. Na minha época de estudante, os professores de Física da escola eram exigentes, tiravam o couro dos estudantes. Para ser aprovado em Física era preciso muito estudo e fazer centenas de problemas. Se você não fosse bom em Física e Matemática, naturalmente perdia o ano porque não entendia nada.

Mas não foi isso que vi. Hoje tudo mudou. Nas aulas de Física se fala do cotidiano, de ônibus, alto-falantes, montanhas-russas e esportes. Lâmpadas, fios, baterias, ímãs e circuitos. Quando cheguei, pensei “ele deve estar dando uma aula teórica logo ali, de preferência dialogada”.

Nada disso. Passei por todas as salas de aula da escola, ele não estava em nenhuma delas.

Segui procurando. Imaginei que devia estar, com os alunos, no laboratório de informática, usando os chromebooks. Acessando um tal de PhET, que simula as paradas de Física e que os alunos chamam de “joguinho”. Ainda assim, não. Hoje no laboratório de informática tem aula de Espanhol. Estavam cantando um hit. Até pensei que era o professor de Física na sala de vídeo, gravando músicas com a galera. Mas não, foi engano.

Então só pode estar no laboratório de ciências, testando algum dos novos equipamentos que acabaram de chegar... Ele ama uma experienciazinha. Não. Não está lá.

Talvez no pátio, pensei. Poderia estar lá, medindo a altura do prédio com uma turma, lançando foguetes, olhando as estrelas ou fazendo o lançamento de batatas... Não. Nada disso.

Talvez em uma aula remota? Inserindo material no Google Sala de Aula? Corrigindo provas? Não. Inclusive me disseram que nem prova tem mais, e que o professor fica no meio dos alunos, nem dá para saber qual deles é o professor.

Foi aí que decidi voltar para todas as salas de aulas procurando pelo professor. A todos perguntava:

ONDE ESTÁ O PROFESSOR DE FÍSICA?

A resposta, em todas as salas, foi a mesma. “Aqui ele não está”.

Era o meu fim. Meu primeiro dia como pibidiano e não conseguia nem ao menos encontrar o professor.

Decidi sentar-me num dos bancos do pátio da escola, buscando me orientar. Um grupo de alunos pequenos veio ver o porquê da minha cara entristecida.

— Estou procurando o Professor de Física há quase um período e não consigo achá-lo! — respondi prontamente.

— Ah! — exclamou um dos pequenos— Eu sei onde ele tá! Me siga! — e começou a me levar até um ponto no pátio, onde uma pessoa falava com um grupo de alunos sob uma árvore, com uma maçã na mão.

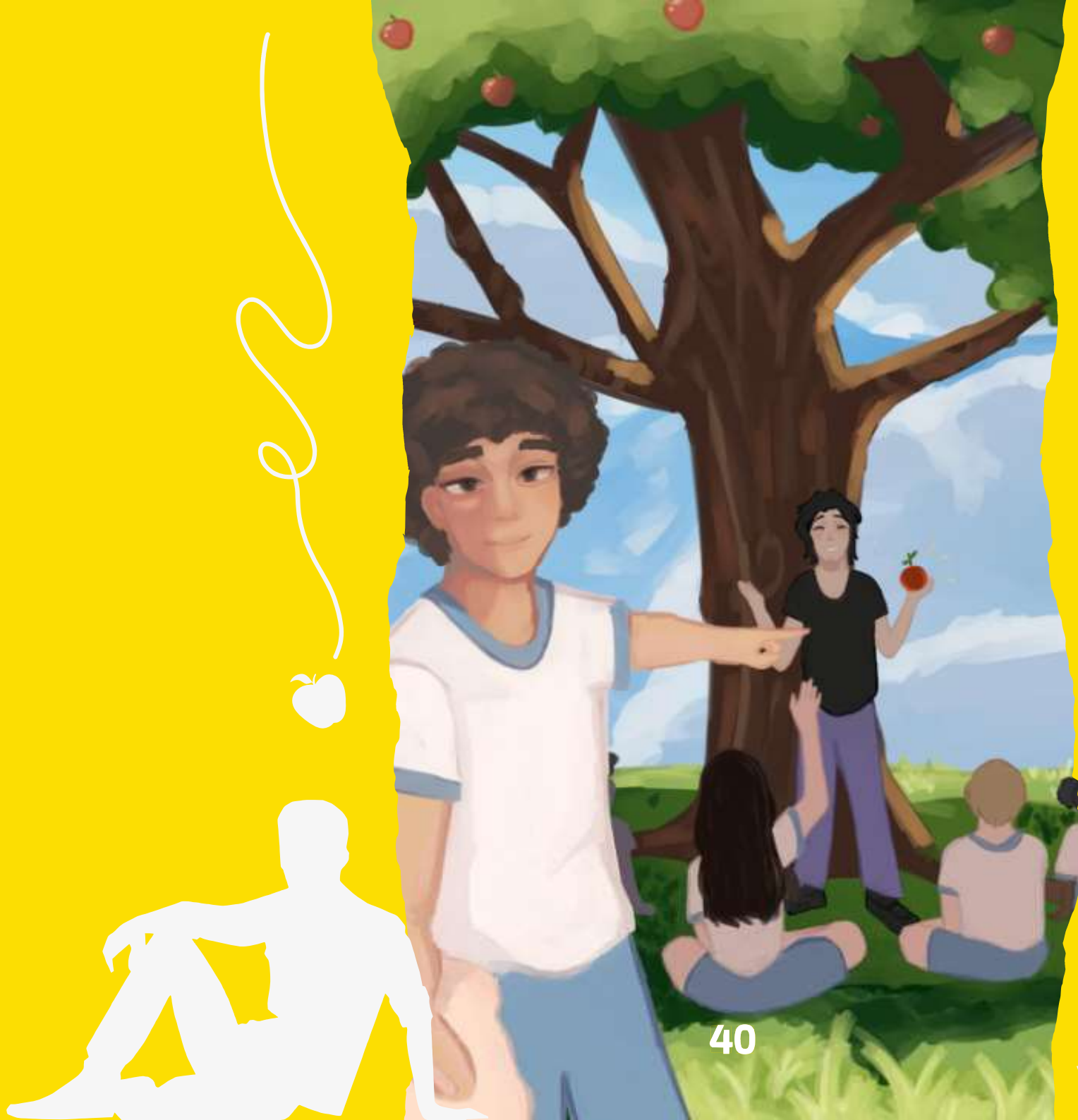
Finalmente eu o encontrei. Lá estava ele, o Professor de Física, dando uma aula sobre as leis de Newton. Naquele momento, só conseguia pedir desculpas pelo atraso. Ele me interrompeu:

— Bom dia! Os alunos pensaram que seria uma boa ideia realizar a aula sobre as leis de Newton debaixo da macieira e, vejam só, uma maçã caiu na minha cabeça! Que coincidência maluca! — os alunos riram.

— Hahaha! Posso me juntar? — disse eu, bastante nervoso.

— Claro, por favor! Seja bem-vindo!





ANSIEDADE DE UM PROFESSOR





Matheus de Souza Sales

Estudante do Curso de Letras Português Licenciatura.
Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto
Português.

Então essa é a ansiedade que a Gabriela tanto falou? E eu achando que estava imune. Pena que a ansiedade bateu logo agora, na frente dos alunos... Ai, cadê esses cabos? Porque a televisão não liga? Como vamos projetar? Não me avisaram que tinha uma senha! Eles estão nos olhando inquietos. Nossa senhora dos PIBIDIANOS, socorro! Tá. Respira.

- Nada ainda, Ingrid?
- Acho que meu notebook não aceita esse tipo de entrada, Matheus.
- Deve ser porque seu notebook é do séc XVI.
- Vamos sem projetar mesmo, eles acompanham nos chromebooks.
- Professor, os chromebooks estão pedindo senha e a gente não sabe!

Que ótimo, mais essa. Três alunas estão saindo para perguntar a senha. Elas podem sair da sala? Já é a terceira vez. Daqui a pouco vai chegar a vice-diretora perguntando por que não consigo reter os alunos em sala. A senha era “alunos”? Bem original.

Já se passaram 15 minutos e não iniciamos a atividade, e os alunos estão perguntando a que horas termina a aula. Até conseguimos as senhas dos chromebooks, mas agora o wifi não conecta... Já sei!

- Gente, vamos tentar os notebooks!

Vamos lá, tem que dar certo. Lembro que a vice-diretora disse que de 30 notebooks meia dúzia funciona... melhor que nada. Droga! Precisa de senha pro wifi.



- Alguém sabe qual a senha do wifi?

Lá se vão as três mosqueteiras saindo da sala de novo para perguntar a senha. É... não vamos conseguir ensinar pelo aplicativo. Hora do plano B - se bem que já devo estar na metade do alfabeto.

- Então, pessoal. Mudança de planos. Vamos usar o quadro e os papéis que vocês receberam. Vamos criar uma notícia juntos, usando a criatividade...
... Ufa! Terminamos. Até que foi bom.
- Gente, essa foi a aula de hoje. Seria mais divertido se conseguíssemos jogar online...
- Ah, professor. Foi melhor assim!
- Valeu, professor! Quando vamos ter aula com vocês de novo?

Não sei. Pode ser em breve, mas será que ainda irão gostar das minhas aulas? Vai ser assim sempre? Que desafio. Como serei quando for professor? Será que lembrarão de mim quando crescerem? E o que pensarão? Meu Deus, umas vinte VIDAS pararam para me escutar. E o que acontece quando eles saem da escola? Crianças, estudem. Pode não fazer muito sentido agora, mas fará... Não desistam... Preciso de... Será que...

- Professor? Tá tudo bem?
- Sim! Se cuidem, pessoal, até a próxima!



Imagem gerada pela Inteligência Artificial da plataforma Canva.

SERÁ QUE VIROU
PÓ





Gilberto Frederico Faber Filho

Estudante do Curso de Matemática Licenciatura. Bolsista de Iniciação à Docência do subprojeto interdisciplinar Ciências Exatas, Física e Matemática.

A primeira coisa que tive que fazer ao chegar na biblioteca, lugar onde daria minha aula, foi mover as mesas cheias de livros e pó que ficavam na frente do pequeno quadro negro que eu iria utilizar. Esquecido pela escola a não ser pelos alunos que gostavam de deixar desenhos, o quadro estava cheio de rabiscos então eu precisava limpá-lo, mas procurando na biblioteca só encontrei um apagador para quadro branco, que eu testei e vi não iria funcionar.

Saí então pela escola a procura de um apagador e vi que seria difícil, pois em todas as salas que eu passava o quadro era branco. Fui então na direção da escola e perguntei onde eu conseguiria um apagador e recebi um “Não temos mais esses apagadores na escola”. Depois de muito procurar, o que acabei conseguindo para limpar o quadro foi uma flanela, daquelas laranjas, que se compra baratinho no mercado para tirar pó. Enquanto limpava os rabiscos do quadro com a flanela pensei na minha época de escola e do contraste do que eu havia presenciado e o que acontecia atualmente. Todo mundo ficava sentado em fileiras anotando diligentemente nos seus cadernos enquanto os professores utilizavam o giz e o quadro para traçar suas lições e teorias.

Como algo que esteve presente durante toda essa minha jornada no ensino básico não será mais utilizado em sala de aula quando eu for professor? Lembrei de uma professora da faculdade falando sobre o “cuspe e giz” e como essa expressão que fala sobre um método de educação ultrapassado também estava aos poucos se tornando datada. Será que virou pó?

O mundo está mudando e essa maneira antiga de dar aula está dando lugar para uma revolução. A tecnologia está adentrando as salas de aula, os livros de papel estão sendo substituídos por tablets, o quadro dando lugar aos quadros interativos e projetores e o giz... Bom, o giz estava por todo lado, literalmente. Meu pensamento foi interrompido pelo pó que se erguia. A flanela tinha ficado branca, minhas roupas escuras tinham marcas de dedo e várias partículas do pó branco grudavam na lente dos meus óculos. Imaginei que não deveria ser assim e pensei se estava fazendo algo de errado.

Os alunos iam chegando aos poucos e minha mente divagou novamente. Embora os tempos mudem e as tecnologias evoluam, o meu papel ali naquela sala de aula continua a ser o mesmo que dos meus professores com seus métodos datados e de futuros professores com suas novas tecnologias. Então independente da ferramenta que eu tinha a minha disposição deveria fazer o meu melhor para desempenhar esse papel. E sacudi o pó!



SOLDADOS DO EXÉRCITO ATIRAM
CARRO DE FAMÍLIA E MATAM MÚSICO
NA FRENTE DO FILHO E DA MULHER

A NOSSA HISTÓRIA



Reprodução de vídeo



ARQUIVO PESSOAL

Atirar antes, perguntar depois. Usando essa lógica de guerra, militares do Exército abriram fogo no domingo contra o carro que Evaldo dos Santos Rosa dirigia, e onde estavam



Késia Moura dos Santos Sa Britto
Cintia Nachtigall Schmidt

Estudantes do Curso de Pedagogia Licenciatura.
Bolsistas de Iniciação à Docência do subprojeto
Pedagogia.

Em meio a tantos sentimentos, um misto de emoções geradas com uma única canção cheia de verdades e questões verdadeiramente importantes e de vivências no cotidiano de cada aluno.

Ali, naquela tarde ensolarada, pudemos perceber o que realmente nos importa como futuras docentes. Trabalhamos com vidas, pessoas que possuem suas próprias vivências e sentimentos.

“Canção Infantil”, de Cesar MC. Essa atividade era para ser uma reflexão sobre o que nos marca diante dos versos da canção, mas acabou indo além: a música nos inspirou a refletir sobre amor, solidariedade, vivências, violência, drogas, dor e pobreza. Era nítido nos rostinhos dos alunos seu encantamento pelo clipe. Seus olhos estavam focados no vídeo, nem se mexiam, aquelas palavras de alguma forma transmitiam sentimentos e dor possivelmente vividos por alguns.

Então os olhares começaram a ganhar expressões. Relatos de violência, morte e drogas entraram em pauta: “eu já perdi meu amigo porque a polícia se enganou”; “meu pai morreu porque não teve uma segunda chance”; “eu vivenciei a violência, pois meu tio me batia enquanto minha mãe precisava trabalhar o dia todo e eu ficava sozinho”.

Os desenhos que havíamos solicitado, expressando o trecho que eles mais se identificavam, acabaram ganhando vida. Infelizmente vidas marcadas, de alguma forma, pela dor, onde os protagonistas muitas das vezes eram essas crianças. Após muitos relatos e conversas nossa aula se encerra. Dali levaremos conosco vários aprendizados, pois, houveram muitas falas marcantes e sentimentos fortes compartilhados. E a resposta de como se forma um professor está aí, é no cotidiano escolar que adquirimos experiências e trocas únicas para nossa vida.

A formação acadêmica, dentro de uma universidade, amplia nossos conhecimentos didáticos e pedagógicos, mas é na vivência diária da sala de aula que percebemos que um abraço, uma escuta atenta muitas vezes valem mais que uma página inteira de conteúdos e que os estudantes, mesmo tão pequenos, tem tanto a nos ensinar. O PIBID nos proporciona viver esses momentos mesmo antes da formação, fazendo com que o caminho percorrido ao longo da trajetória acadêmica seja realmente significante em nossa vida.



O MENINO QUE CATAVA LIVROS

DA FAVELA PARA A

DOCÊNCIA





Marcia Vitoria Soares

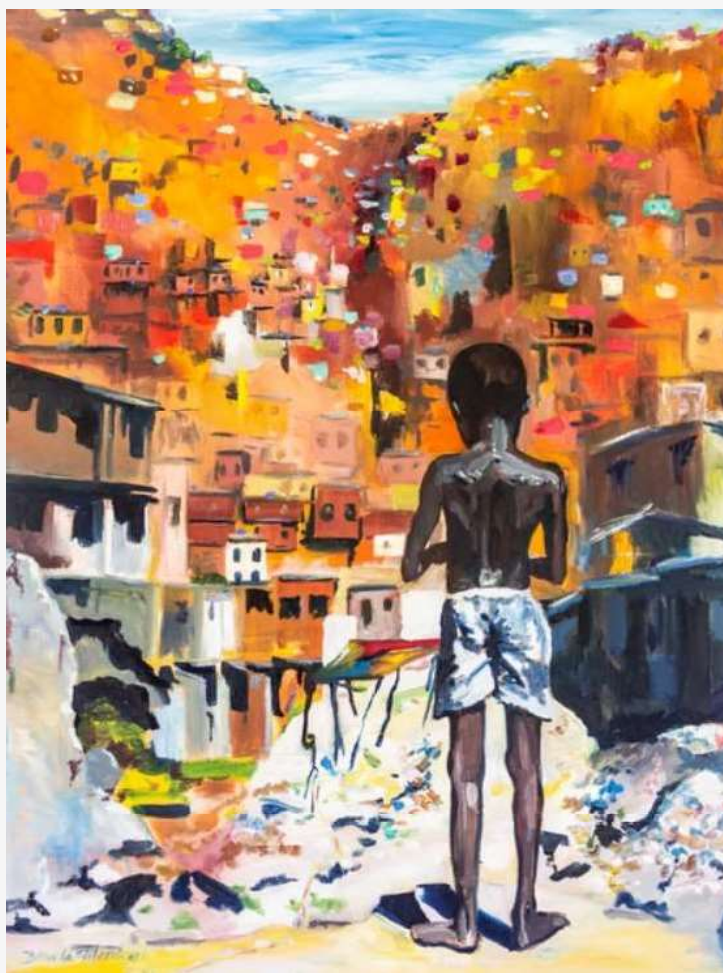
Estudante do Curso de Letras Português e Literatura de Língua Portuguesa Licenciatura. Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto interdisciplinar Letras Português, Ciências EAD e Educação do Campo.

Havia um menino que morava em um bairro afastado, sua família era de origem humilde, nesse bairro as pessoas eram pobres, sofridas, analfabetas em sua maioria. Andava sempre sozinho, com pensamentos distantes, e todo livro que achava guardava na estante de casa.

Havia também nesse bairro, uma dúzia de outros meninos e uma quadra de futebol, quando lhes perguntavam “o que serão no futuro?” “Jogador de futebol” era o que todos diziam.

Porém havia nesse bairro uma escola pequenina, só tinha uma professora e as salas em geral vazias, mas o menino que andava sozinho, ia pra lá todo dia e ao ver o menino chegar a professora sorria. Com ele passava suas tardes, ensinando e aprendendo, ensinou o menino a ler, calcular, escrever e ao cair da noite se iam pra casa, e lá no outro dia para escola o menino retornava.

Os anos foram passando, aquelas crianças crescendo, alguns caíam nas drogas, outros tiveram filhos bem cedo, mas o menino que andava sozinho continuou aprendendo. Hoje se lembra dos tempos antigos e daquela professora, que foi sua inspiração, que o ajudou a estudar para fazer sua graduação, agora ele também ensina as crianças da região.



Mais Vento. Daniela Matchael

Sonho Futura
de profes
uma sora





Nadiele Fernandes

Estudante do Curso de Letras Português e Espanhol
Licenciatura. Bolsista de Iniciação à Docência do
Subprojeto interdisciplinar Letras Espanhol e Inglês.

Ao observar, de perto e de longe,
a realidade da escola que se esconde
Ensinar Português já é desafiador...
Experimente ensinar outro idioma, Professor!

Escolas desiguais, ambientes plurais
Com diferenças gritantes, mas reais
Faltam gás, merenda e até livro
Como ensinar uma língua adicional
Em um ambiente tão desigual?

Alunos têm que aprender
Português, Inglês ou Espanhol
Se chover, alunos não chegam na escola
E se fizer sol, alunos presentes
Mas têm fome, sono... e Língua Espanhola

Hoje me permito sonhar um pouquinho
Com escolas diferentes, mas iguais
Onde há merenda, gás e ambientes plurais

Que as aulas de Espanhol sejam o caminho
Para que Professores transmitam um pouquinho

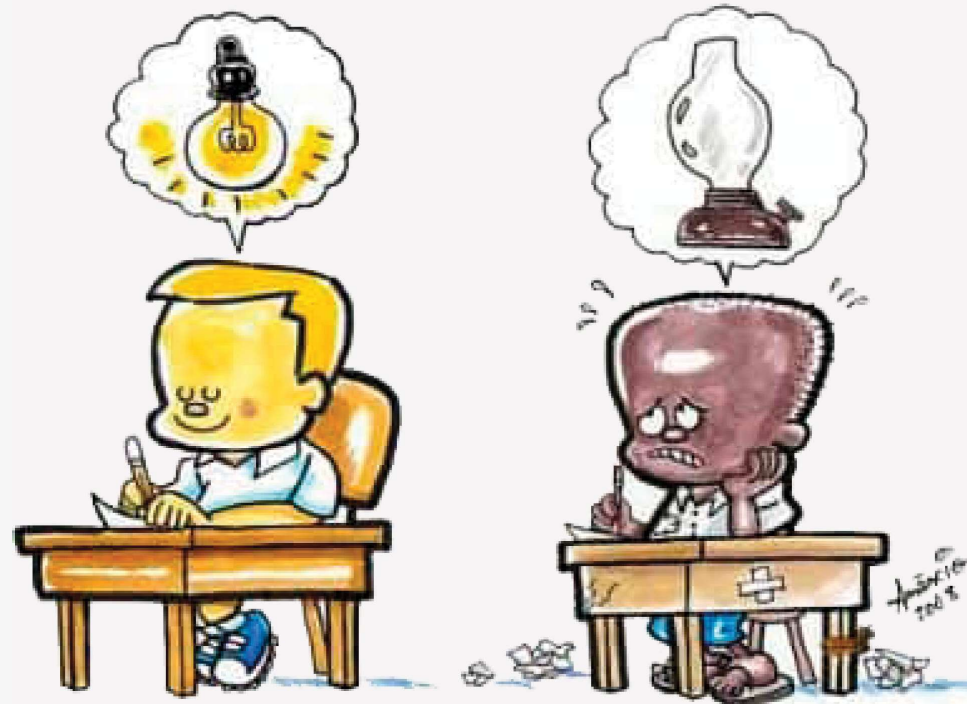
De diversidade e igualdade por diferentes perspectivas
culturais

Para que alunos reflitam e tenham consciência de
sociedades multiculturais

EDUCAÇÃO...

PARTICULAR

PÚBLICA



O menino
que
queria
aprender
a escrever





Sthefanye Teixeira Machado das Neves

Estudante do Curso de Pedagogia Licenciatura. Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia.

Como uma boa história, essa também começa com o "Era uma vez". E como spoiler, ela também irá terminar com o "felizes para sempre". Contudo, diferente da maioria dos contos, ela não fala de amor romântico, ela fala mesmo é de como um menino queria colocar todo o seu conhecimento no papel. Então...

Era uma vez um menino que pensava demais, mas pouco fazia com esses pensamentos, eles apenas existiam em sua cabeça, às vezes ele tentava expressar esses momentos reflexivos em desenhos, mas o grande sonho dele era aprender a escrever para tentar organizar suas grandes reflexões sobre o mundo.

Os pensamentos eram diversos, neles incluíam como os pássaros voavam, de onde vinha a chuva, como as ondas do mar se formavam, mas ele volta e meia voltava a pensar sobre como seria o universo. O encantava imaginar se era mesmo verdade que o homem tinha ido a lua, se um dia ele também iria conseguir, e o mais importante de tudo era descobrir se a lua era realmente feita de queijo.

Assim sendo, ele passava grande parte do seu tempo ansioso pensando no primeiro dia de aula e de como teria a oportunidade de finalmente conseguir começar a pôr no papel tudo o que se passava apenas na sua cabecinha.

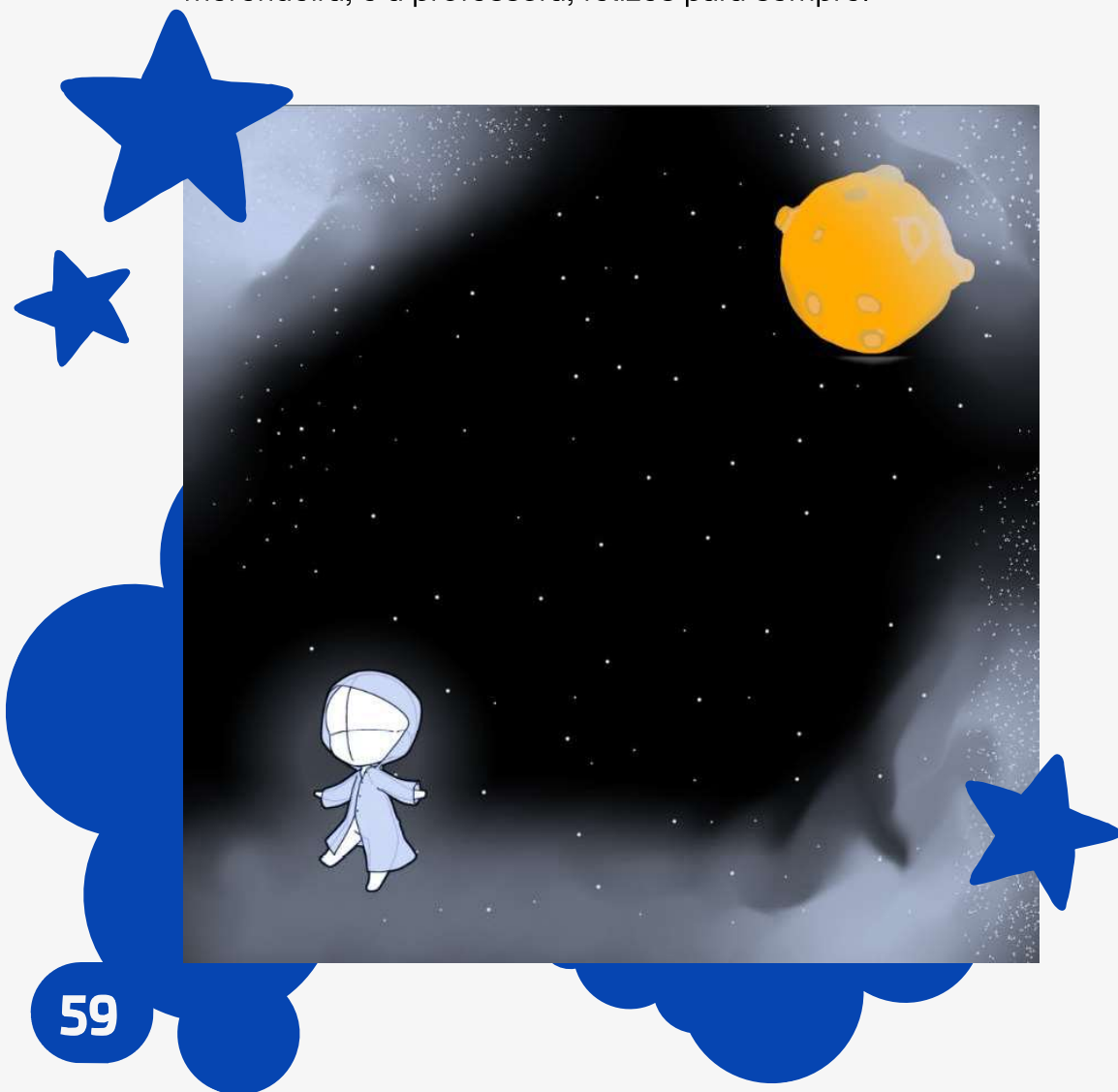
Todos os dias, ele ia até o calendário que ficava na parede da sala de sua casa e riscava menos um dia. Então, finalmente chegou a véspera do primeiro dia de aula, e essa noite o menino foi se deitar mais cedo para que a noite passasse rápida.

Logo, começou a ouvir a mãe o chamando para tomar café da manhã, foi correndo descer as escadas, comeu o lanche o mais rápido que pode, e correu novamente para o quarto, onde finalmente colocou o uniforme pela primeira vez, o mesmo era um pouco maior que o menino, mas isso não era algo que realmente o importava no momento, pois o que realmente importava era que o dia finalmente tinha chego.

Dentro do carro, o menino ia olhando para os prédios da rua, e pensando sobre como seria quando o mundo todo pudesse ler sobre seus grandes conhecimentos. Ao chegar na escola, o menino correu atrás da primeira pessoa com mais de 1,60 de altura que viu, e foi logo perguntando quando começaria a escrever, quando iria poder segurar um lápis, que tinha muitas descobertas sobre a lua e que precisava pôr no papel para o mundo todo saber.

A mulher em questão, não era a professora, ela era a merendeira da escola, mas logo foi avisando ao menino: “Olha, eu não aprendi a como ensinar alguém a escrever, mas eu posso te ajudar a colocar os teus pensamentos no papel”. O menino, pensou, pensou, e logo concordou. Os dois se sentaram nas cadeiras do refeitório, e logo a moça foi escrevendo tudo o que o menino pedia, sobre o sistema solar, sobre a lua, e finalmente escreveu sobre a maior questão, se ela realmente era feita de queijo. Logo, o sinal tocou, e o menino então agradeceu e pegou a folha de papel com todas as suas ideias escritas. Não tinha sido ele que tinha escrito, mas saber que agora suas ideias estavam no papel e não se perderam mais em seus pensamentos, o deixou extremamente feliz.

Os dias de aula foram passando, e em poucas semanas o menino já estava começando a escrever as primeiras palavras. Ele estava contente com sua evolução, mas sempre chegava um pouco mais cedo para pedir para a merendeira escrever seus pensamentos no papel antes das aulas começarem. E, aprendendo mais e mais com a sua professora, foi seguindo sua trajetória, junto com a merendeira, e a professora, felizes para sempre.





O BRILHO NA NOITE DE DESCOBERTAS

PIBID Ciências EaD



Alexandre Junges

Estudante do Curso de Ciências EAD Licenciatura.
Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto
interdisciplinar Letras Português, Ciências EAD e
Educação do Campo.

No humilde bairro São Francisco, localizado em uma cidade litorânea do Rio Grande do Sul, um grupo de alunos da EJA embarcava em uma jornada extraordinária. As luzes da escola, mesmo após o pôr do sol, não se apagavam. Adultos que, por circunstâncias da vida, não tiveram a chance de estudar na infância, agora tinham a oportunidade de frequentar as aulas do 6º ano à noite. Cada canto do ambiente escolar era cheio de histórias e sonhos que finalmente encontravam um espaço para florescer.

O professor Eduardo, um jovem cheio de paixão pelo ensino, caminhava pela sala de aula enfeitada com os trabalhos dos alunos. Ele percebia o brilho nos olhos de cada um deles, um brilho que não era apenas da luz das lâmpadas, mas do desejo de aprender que iluminava suas almas.

"Como é bom ser professor!"

murmurou Eduardo para si mesmo enquanto organizava os materiais para a aula. Naquela noite, a aula de ciências estava especialmente empolgante. A turma estava explorando o sistema solar, e Eduardo compartilhava informações sobre os planetas, as estrelas e as maravilhas do cosmos. Os alunos se inclinavam para a frente em suas cadeiras, ansiosos por acompanhar cada detalhe.

"Professor Eduardo, você quer dizer que a Terra está girando o tempo todo? Como assim?!" perguntou Marcelo, um dos alunos do grupo.

"Sim, Marcelo! Imagine que estamos todos em um grande carrossel cósmico, e a Terra é o nosso cavalo. Ela gira enquanto orbita o Sol", explicou Eduardo, sorrindo ao ver a curiosidade deles.

"Isso é incrível! Eu nunca soube disso!" exclamou Ana, outra aluna, com os seus olhos arregalados.

Eduardo aproveitou o entusiasmo deles e continuou: "E sabem o que é ainda mais impressionante? Cada um dos planetas também está em movimento. Eles não ficam parados no espaço. Alguns giram como a Terra, outros se movem em órbitas ao redor do Sol."

A sala de aula estava viva com a empolgação dos alunos enquanto Eduardo desenhava esboços simples no quadro-negro, explicando os movimentos de translação e rotação, mostrando como os planetas dançavam em torno do Sol.

"Então, quando olhamos para o céu noturno e vemos as estrelas, estamos vendo apenas uma pequena parte da imensa dança cósmica que está acontecendo o tempo todo", concluiu Eduardo, seu rosto radiante de alegria por compartilhar o conhecimento.

No dia seguinte, durante conversa com o seu bolsista do PIBID, Eduardo discutiu sua experiência: "Tive a certeza de que queria ser professor quando vi o quanto o conhecimento pode transformar vidas", lembrando também dos desafios que enfrentou para chegar até ali e ressaltando a importância de adaptar o ensino às necessidades e curiosidades dos alunos da EJA. O Pibidiano assentiu com empatia: "Definitivamente, a jornada da educação é uma via de mão dupla. E a importância de adaptar o ensino às necessidades e curiosidades dos alunos da EJA é ainda mais evidente nessa realidade."

Ao longo do semestre, os alunos da escola continuaram a explorar os mistérios da ciência e a descobrir novos horizontes de conhecimento. Eles também encontraram em Eduardo um mentor e amigo, alguém que não apenas lhes ensinava fatos, mas também os inspirava a sonhar. E assim, em meio à noite estrelada, o brilho do conhecimento e o poder transformador da educação continuavam a iluminar os corações daquelas pessoas que, mesmo após tantas dificuldades, estavam determinadas a aprender e a crescer juntas.



A imagem foi criada pelo Alexandre no Bing Image Creator

*Voce está no lugar
certo?*



Vitória Perdoni

Estudante do Curso de Biologia Licenciatura. Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto interdisciplinar Química - Biologia.

Você está no lugar certo?

No dia em que entrei na escola como uma pibidiana, futura professora, me senti completa. Que emoção voltar para a escola que estudei há poucos anos e por ocasião do destino no mesmo período (noturno). Meu sentimento era de gratidão por ter esse privilégio através da Universidade/PIBID e também de medo, medo de estar do outro lado, medo de não ser como os professores maravilhosos que tive o prazer de conhecer por lá. Coloquei minha mochila e me direcionei até a escola com meu nervosismo e minha vontade de fazer algo por estes alunos. Tinha certeza que eles precisavam de um estímulo para seguir a trajetória escolar e continuar conciliando com a rotina do dia que cada um tem, na esperança de mudar as vidas deles, por meio da **EDUCAÇÃO**, assim como a minha vida mudou.

Consigo me lembrar de quando eu estava ali, nas mesmas salas e com o meu sonho de um dia entrar para a faculdade e cursos dos sonhos e isso era muito distante. Não conseguia me ver, achava que não seria capaz, acreditava que meu estudo era precário. Ao ver que a escola havia sido contemplada com o programa, logo pensei nos estudantes que deveriam ter esse mesmo sentimento e que seria um estímulo, uma pessoa próxima que passou e passa por mesmas situações de vida.

Cheguei na escola já emocionada, olhei em volta e me tocou novamente. Me perdi em pensamentos, lembrando da minha história. Ao me deparar com mães, jovens grávidas, trabalhadores, indivíduos que estavam voltando a estudar depois de anos, todos com um sonho e em busca de algum objetivo na vida, por meio da **EDUCAÇÃO**. Hoje eu acredito que uma menina de 20 anos, mãe, preta, de escola pública, sem rede de apoio pode ocupar um lugar na universidade federal e conseguir trabalhar com aquilo que mais deseja, ser **PROFESSORA**. Essa menina sou eu e pode ser você.





Carta de um supervisor
para seus pibidianos

Queridos Pibidianos,

Escrevo esta carta para compartilhar as experiências vividas durante este período. Como vocês já sabem, meu contato com o Programa não é recente, pois, enquanto estudante, vivenciei a mesma posição que vocês ocupam agora. Quando estive aí, tive a certeza de que a docência é a minha missão. Hoje, como supervisor, percebo que o momento mais emocionante que vivenciei foi testemunhar a transformação de vocês enquanto pibidianos, a evolução com os alunos e a autonomia, que foi estimulada pela criatividade dos estudantes que sempre traziam ideias positivas para as aulas.

Sendo assim, vínculos foram estabelecidos com os discentes, tornando as aulas cada vez mais dinâmicas e interessantes. Com o passar do tempo, foi gratificante observar a evolução de vocês para enfrentar os desafios encontrados durante a jornada na escola. Um exemplo disso foi vê-los inseridos no universo da ludicidade e corporeidade, que envolvem unicórnios, aviões e muita energia, para se conectarem verdadeiramente com os alunos.

*Uma música para
você!!*



Tais experiências só foram possíveis devido à oportunidade que o programa proporcionou e que vocês abraçaram. Cabe ressaltar que o interesse dos estudantes e a participação de vocês foram de extrema importância para a concretização dessas vivências, mas não se preocupem, ainda há muito mais por vir. Desejo sucesso na caminhada de vocês.

Com carinho,

Robson Costa Soares

Camilly Luisi Costa Furtado

Fernando Barros Terra

Gabriel Pinto de Santana Lima

Guilherme Bresqui de Oliveira

Gustavo da Silva Magalhães Morgado

Mariana Moura Kuroniski de Brito

Pedro Charão de Freitas

Vitória Cruz Vasconcellos

Estudantes do Curso de Educação Física - Licenciatura.

*Bolsistas de Iniciação à Docência do Subprojeto
interdisciplinar Artes Visuais - Educação Física*



A IMPORTÂNCIA



DO OLHAR ATENTO

EM SALA DE AULA



Keven Solano Guimarães
Laura Dorneles Lemes

Estudantes do Curso de Geografia Licenciatura. Bolsistas de Iniciação à Docência do Subprojeto interdisciplinar História - Geografia.

Durante a participação nas aulas e das rodas de formação do PIBID, estamos aprendendo tanto na prática quanto na teoria como ter um olhar atento, crítico e carinhoso em relação às emoções e vivências dos discentes. A partir dessas experiências, compreendemos que ao exercitar o olhar atento é possível identificar maneiras de estabelecer uma relação mais próxima com os alunos.

Ao alcançar este conhecimento, percebemos o quanto a relação aluno-professor vai além dos conteúdos da disciplina. O “ser” professor, muitas vezes ultrapassa os limites da escola, já que os alunos transportam para a sala de aula seus sentimentos, histórias, curiosidades e acontecimentos cotidianos. Assim, identificamos que os alunos guiam o professor em sala de aula ao estabelecer esse relacionamento.

Além do laço de confiança e carinho criado na relação aluno-professor se utilizando do olhar e escuta atenta, notamos que também ocorre uma troca de conhecimento saudável e importante do aluno ao professor. Dessa forma, os discentes ficam mais “abertos” aos conteúdos curriculares e retribuem a atenção dada a eles com respeito e atenção ao professor e a disciplina em questão.

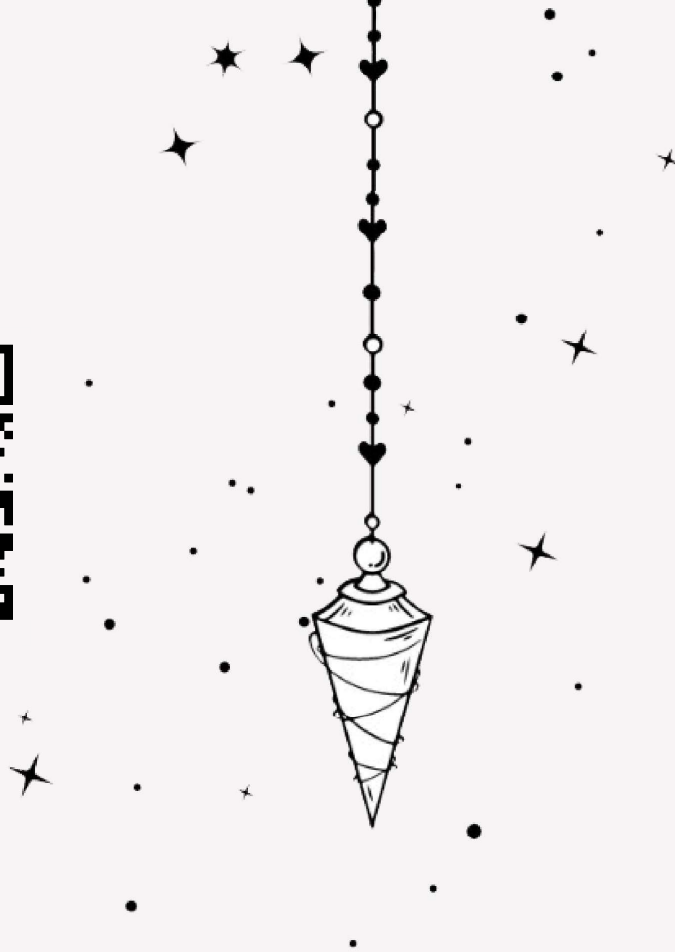
Ao estabelecer uma relação fortalecida baseada em uma atenção maior aos alunos, suas próprias histórias podem contribuir para a explicação de alguns conteúdos. Isso possibilita não somente uma explicação mais descontraída, mas também um entendimento leve e palpável que auxilia o processo de aprendizagem.

Devemos relembrar que atualmente estamos no segundo ano pós-pandemia da doença COVID-19. Durante o período de isolamento, muitos desses alunos não tinham com quem conversar e compartilhar suas ideias, pensamentos e emoções. Portanto, entendemos que o olhar atento e uma relação aluno-professor saudável - especialmente nesse momento -, é muito importante tanto para a formação escolar desses alunos quanto para o seu desenvolvimento enquanto crianças e adolescentes, mas que também são indivíduos no mundo

António Nóvoa (2022, p. 4) diz: “A docência aprende-se por meio da prática, sobretudo em “estágio” junto de professores mais experientes”. Assim, enquanto professores em formação, constantemente aprendemos com as teorias e práticas que o PIBID nos proporciona, sobretudo ao permitir que estejamos inseridos no ambiente escolar. Nesse sentido, compreendemos cada vez mais a importância e necessidade do olhar e da escuta atenta dentro das salas de aulas atualmente.



PRIMO



Cibelle Pinheiro Farias

Estudante do Curso de Biologia Licenciatura. Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto interdisciplinar Química - Biologia.

Ao observar o prumo agindo, pude notar o quanto um fio flexível é capaz de desalinhar um material sólido.

Noto suas direções e me paro a analisar o quanto ele se movimenta até se encaixar.

- Embora a conformidade do instável seja mais atrativa em um primeiro momento, se há algo em que o ser professor se nutre, não é a aceitação.
-

Ao visualizar ao longe, o professor busca estabilidade; facilidades de um concursado.

Parasitas do sistema, alguns pontuam.

Mas o que de fato há por trás, da dedicação exclusiva, da perda de sono, dos planos de aula intermináveis,

o que no fim teremos de retorno, ou se é que teremos,

a docência vai além de tantas complexidades e talvez a resposta seja fácil.

Ser útil ao próximo também nos sacia,

nos alinhar ao contexto da classe para que cada aluno em seu universo particular ache seu prumo através de nossos direcionamentos.

O aprender é troca, é xilema e é floema, é vida, e basta ter um pedacinho de terra para florescer,

e quem ganha no final?

A terra ganha, a planta ganha, nós ganhamos, todos,
mutuamente, juntos.

Essa troca é o que nos move.

Ao vermos a sala de aula funcionando,

o empenho do ministrante a alcançar a diversidade da
classe e incluir a todos,

planejando, inventando, construindo,

influenciando o florescer de um campo que desabrocha
para o futuro

alinhado a partir de um ponto;

o ser professor.



COMO É BOM SER PROFESSOR





Lucas Cardozo Bagatini (supervisor)

Pibidianos/as

Larissa de Oliveira Marques

Vitória Silveira da Costa

Lucas Silva Ferreira

Ruth Capaverde dos Santos

Cleber da Silva Oliveira Junior

Leonardo Pires Prietsch

Inajara Meireles Escalante

Estudantes do Curso de Educação Física Licenciatura.

Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto

interdisciplinar Artes Visuais - Educação Física

A partir do momento em que adentramos no ambiente escolar, percebemos a importância do papel do/a educador/a na vida dos alunos. Nossa relação com eles vai além dos processos de ensino e aprendizagem, envolvendo também amizade e afetividade, compartilhando bons e maus momentos ao longo da jornada escolar. Em uma situação que inicialmente parecia desafiadora (pelo menos era o que achávamos), com a mudança de escola do professor supervisor no meio do ano de execução do Pibid.

Apesar do momento não ser dos melhores, por envolver uma mudança, fomos surpreendidos pelo gesto tocante das crianças das turmas do supervisor, especialmente uma turma do 5º ano organizou uma surpresa para o supervisor e para os pibidianos no último dia de aula do semestre. Eles prepararam cartas e presentes, como perfume, pulseira, chocolate, canetas, lápis e outros objetos escolhidos pelos alunos. Esse momento foi repleto de emoção, até mesmo alguns dos alunos choraram, e com essa despedida só evidenciou o quanto conseguimos nos fazer presentes na vida dessas crianças na escola. Essa experiência nos motivou a não nos abalarmos com as mudanças e a estarmos abertos aos novos desafios que a atuação como professor/a tem a nos apresentar.

Num segundo momento, com todo o grupo do Pibid inserido e bem acolhido no novo contexto de atuação, continuamos a experimentar situações que ressaltam o quão gratificante e recompensador é ser professor/a. Isso se torna evidente através de cada relato espontâneo dos/as alunos/as a cada encontro com eles na escola. Um dos momentos marcantes foi quando um aluno do 3º ano conseguiu pular corda sozinho pela primeira vez. Foi perceptível a sua alegria em conseguir vencer esse desafio. Outro fato destaca a importância de ser professor/a são os momentos que conseguimos tirar os/as alunos/as da sua zona de conforto, desafiando-os a realizar atividades que envolvem os movimentos básicos do corpo, até então pouco explorados por eles. Como no dia em que o supervisor propôs uma corrida como forma de aquecimento no início da aula, e em poucos metros de corrida, algumas crianças já estavam exaustas e deitadas no chão.

Todas essas experiências reforçam a convicção de que o/a professor/a de Educação Física se faz necessário desde os anos iniciais do ensino fundamental. Essa e outras vivências nos motivam a dar o nosso melhor em prol da educação e do aprendizado dos/as alunos/as nas aulas de Educação Física.



TUDO COMEÇA COM UM BOM CAFÉ





Victória Da Costa Brião

Estudante do Curso de Letres Português Licenciatura.
Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto
interdisciplinar Artes Visuais - Educação Física.

Tudo começou com a ideia de nós, Pibidianos, oferecermos um café de acolhida para os alunos da EJA que frequentavam o turno da noite na escola. A professora supervisora gostou muito da iniciativa e logo nos apoiou com o planejamento da atividade. Todos nós estávamos muito empolgados com a oportunidade estar dentro da sala de aula, mas dessa vez não como alunos e sim como professores em formação. Por isso, planejamos tudo com muito cuidado e carinho. Na oportunidade, teve balão, refrigerante, café, docinhos, salgados, frases de boas vindas no quadro e ótimas trocas!

De certa maneira, senti que o nosso desafio como professores começaria nesse dia, uma vez que, na turma, havia diversas histórias de vida. Alguns dos alunos eram inclusos, outros com idades mais avançadas, que passaram a vida toda desejando estarem naquele ambiente escolar e agora realizavam este sonho. Havia também alunos adolescentes que precisaram parar de estudar porque necessitaram, em algum momento, trabalhar, por isso agora frequentavam a escola à noite.

Acredito que depois de experiências como essa que o PIBID nos proporcionou, todos nós aprendemos a enxergar os alunos com um olhar mais empático e gentil porque a experiência de estar dentro da escola tem o poder de educar o professor em formação mais do que qualquer disciplina ou trabalho acadêmico que aprendemos durante a graduação.





CRIAÇÃO do ÁLBUM

O processo de ilustração e diagramação do álbum, seguiu a classificação e organização da bandeira **Wiphala**, origem andina, apresenta cores do arco íris e era usada para estruturar e organizar a sociedade andina. Após a pesquisa sobre o assunto, me prontifiquei a classificar cada relato de forma generalizada e objetiva, encaixando assim um texto em uma cor seguindo os significados de cada cor, o resultado final apresenta uma trama no qual cada história complementa a outra formando então a estética do álbum.



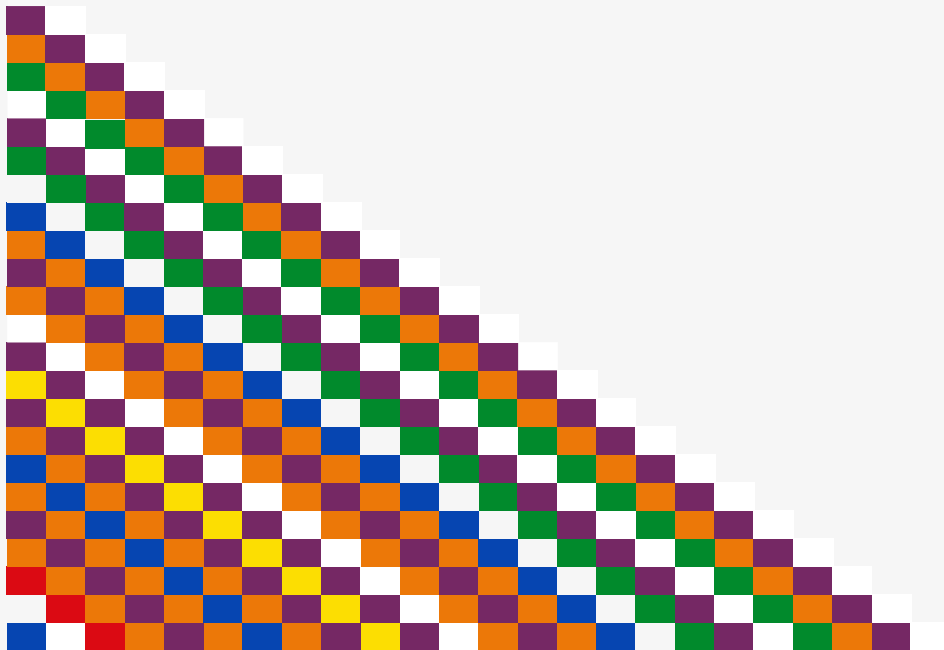
Junto com as cores apresentei elementos gráficos como letras saltantes, ilustrações e contornos.

estes buscam a imersão do leitor estimulando o imaginário e o sentimento por trás da história.

A nona edição do álbum foi um desafio agradável, e interessante de se trabalhar, sou do bacharelado e a experiência de ler e trabalhar com as histórias de ensino foi inspiradora, e de grande aprendizado!

Bruno Daniel Carneiro

Estudante do Curso de Artes Visuais Bacharelado.
Bolsista do NAVE - Núcleo Artes Visuais em Estudo da FURG



-  **Energia e Força**
-  **Sociedade e Cultura**
-  **Terra**
-  **Determinação Pessoal**
-  **Cosmos**
-  **Recursos Naturais e Riqueza**
-  **Tempo e mudança**

Chegamos à nona edição do álbum do PIBID da FURG. Este álbum é composto por histórias de estudantes de iniciação à docência que participaram da décima primeira edição do programa na FURG, intitulado “PIBID-FURG: experiências educativas em rodas de formação acadêmico-profissional”, desenvolvido no período de novembro de 2022 a março de 2024. Dentre as ações que fundamentam o projeto institucional do PIBID-FURG estão as rodas de formação de professores com a escrita narrativa da própria experiência. Assumimos a narrativa como dispositivo formativo ao documentar o vivido e experienciado na Escola e na Universidade através dos diários coletivos, das escritas narrativas de experiências pedagógicas registradas no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e na produção de histórias de sala de aula.

ÁLBUM do PIBID FURG 9

